https://doi.org/10.62987/cp4m2t69

Interseccionalidade como práxis no ensino de Sociologia na educação básica

Laiane dos Santos Amorim
Universidade de Pernambuco (UPE). Graduada em Ciências Sociais (UNIVASF) e graduanda em Pedagogia (UPE). ORCID: https://orcid.org/0009-0001-4119-8004. E-mail: laiane.amorim@upe.br.

Paulo Roberto Ramos
Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), Colegiado de Ciências Sociais. Doutor em Sociologia (UFPB). ORCID: https://orcid.org/0000-0003-3684-0960. E-mail: paulo.ramos@univasf.edu.br.

Resumo: O presente artigo tem como objetivo abordar o conceito de interseccionalidade (Akotirene, 2020) como princípio metodológico para o ensino de Sociologia na educação básica, além de discutir como essa noção pode contribuir para a prática docente. A metodologia utilizada foi a pesquisa descritiva, que relaciona teoria e prática na descrição e na análise da realidade, uma vez que as motivações que deram origem a este trabalho decorrem das experiências didático-pedagógicas proporcionadas pela graduação em Ciências Sociais, por meio dos estágios supervisionados e de programas como o PIBID e a Residência Pedagógica. Os resultados indicam que a interseccionalidade permite ao docente articular as categorias de raça, gênero, classe, sexualidade e território na leitura da sala de aula e no planejamento dos conteúdos. Conclui-se pela importância da interseccionalidade como ferramenta de apoio à docência e à democratização da escola.

Palavras-chave: Interseccionalidade. Ensino de Sociologia. Ferramenta pedagógica. Valorização cultural.

Intersectionality as praxis in the teaching of Sociology in basic education

Abstract: This article aims to address the concept of intersectionality (Akotirene, 2020) as a methodological principle for teaching Sociology in basic education, and to discuss how this notion can contribute to teaching practice. The methodology was descriptive research, which relates theory and practice in the description and analysis of reality, since the motivations behind this work stem from the didactic-pedagogical experiences provided by the Social Sciences teacher education program through supervised internships and programs such as PIBID and the Pedagogical Residency. The results indicate that intersectionality allows teachers to articulate the categories of race, gender, class, sexuality, and territory when reading the classroom and planning content. It concludes by highlighting the importance of intersectionality as a tool to support teaching and the democratization of schools.

Keywords: Intersectionality. Sociology teaching. Pedagogical tool. Cultural appreciation.

REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR
NOVA TERRA

La interseccionalidad como praxis en la enseñanza de la Sociología en la educación básica

Resumen: Este artículo tiene como objetivo abordar el concepto de interseccionalidad (Akotirene, 2020) como principio metodológico para la enseñanza de la Sociología en la educación básica, además de discutir cómo esta noción puede contribuir a la práctica docente. La metodología empleada fue la investigación descriptiva, que relaciona teoría y práctica en la descripción y el análisis de la realidad, ya que las motivaciones que dieron origen a este trabajo derivan de las experiencias didáctico-pedagógicas que ofrece la licenciatura en Ciencias Sociales, a través de las prácticas supervisadas y de programas como el PIBID y la Residencia Pedagógica. Los resultados indican que la interseccionalidad permite al docente articular las categorías de raza, género, clase, sexualidad y territorio en la lectura del aula y en la planificación de los contenidos. Se concluye destacando la importancia de la interseccionalidad como herramienta de apoyo a la docencia y a la democratización de la escuela.

Palabras clave: Interseccionalidad. Enseñanza de la Sociología. Herramienta pedagógica. Valorización cultural.

Introdução

Este artigo trabalha o conceito de interseccionalidade (Akotirene, 2020) como princípio metodológico para o ensino de sociologia na educação básica, além de discutir como esta noção pode contribuir para a prática da docência. Para a feitura deste trabalho, a metodologia utilizada foi a de pesquisa descritiva, em que se relaciona teoria e prática durante a descrição e análise da realidade, considerando assim, as motivações que deram origem a este trabalho serem decorrentes das experiências didático-pedagógicas que a graduação em Ciências Sociais proporciona através das disciplinas práticas de estágios e dos programas como o PIBID e a Residência Pedagógica.

A importância e o objetivo deste trabalho residem justamente no uso da interseccionalidade como uma ferramenta metodológica que organiza o/a docente para "enxergar a colisão das estruturas" e "a interação simultânea das avenidas identitárias" (Akotirene, 2020, p. 19), ou seja, no deslocamento científico, social e político da educação, para ser um/uma docente que lida com as opressões e hierarquizações sociais de modo interligado e desenvolve a "sensibilidade interpretativa dos efeitos identitários" (Akotirene, 2020, p. 20) devido à colonização e a sua influência na formação das escolas, das ciências e da própria

comunidade na qual a escola está inserida. Portanto, a interseccionalidade é uma teoria que a) lida com a educação em termos epistemológicos; b) é relevante para a comunidade da área educacional conhecer e pesquisar uma outra perspectiva de sociologia que não exclui as culturas e conhecimentos dos povos historicamente marginalizados; c) introduz uma prática democrática no sentido de valorização e acesso à diversidade, que simboliza uma quebra na reprodução de desigualdades sociais em seus diferentes níveis por parte do/a docente e para os/as estudantes, somado à expansão de novos conhecimentos no corpo científico, profissional e educacional.

A autora Carla Akotirene, em seu livro homônimo ao conceito a ser trabalhado, inicia escrevendo que essa noção é "uma sensibilidade analítica" (Akotirene, 2020, p. 18):

> A interseccionalidade visa dar instrumentalidade teórico-metodológica à inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado – produtores de avenidas identitárias em que as mulheres negras são repetidas vezes atingidas pelo cruzamento e sobreposição de gênero, raça e classe, modernos aparatos coloniais (Akotirene, 2020, p. 19).

Esta "sensibilidade analítica" é uma expressão elaborada pela autora Kimberlé Crenshaw para pensar a identidade e as relações de poder contidas nas categorias sociais de raça e gênero, que,

> desde então, o termo demarca o paradigma teórico e metodológico da tradição feminista negra, promovendo intervenções políticas e letramentos jurídicos sobre quais condições estruturais o racismo, o sexismo e violências correlata se sobrepõem, discriminam e criam encargos singulares às mulheres negras (Akotirene, 2020, p. 54).

Essa autora é considerada uma das pioneiras do conceito, a partir da publicação, em 1989, do artigo "Demarginalizing the intersection of race and sex" e, em 1991, de "Mapeando as margens: interseccionalidade, políticas de identidade e violência contra mulheres de cor", na área das Ciências Jurídicas. Através do movimento feminista negro e das lutas antirracistas que aconteciam nos Estados Unidos entre as décadas de 80 e 90, a produção acadêmica passou a abordar a experiência de mulheres negras e latinas, descrevendo e discutindo politicamente as

realidades que fugiam da universalidade da categoria "mulher". Vê-se, desde então, que o feminismo negro traz em sua própria condição social e política a capacidade de se fazer interseccional na prática, entretanto, algo que Crenshaw tanto quanto Akotirene retratam em seus livros é sobre não limitar essa ferramenta apenas às mulheres negras ou a uma hierarquização de opressões equivocadamente. Muito pelo contrário, tal instrumento dispõe da possibilidade de qualquer pessoa analisar sua própria trajetória social e ainda a de outros/as com a sensibilidade histórica de localizações das identidades e com isso, correlacionar com as perspectivas do poder, pois "[t]odas as pessoas sabem que têm tanto uma raça quanto um gênero, todos sabem que têm experiências interseccionais" (Crenshaw, 1989, p. 9).

Em suma, trata-se de uma metodologia de caráter político para lidar com a diversidade de identidades e as implicações de poder contidas ao redor dessas dinâmicas sociais de convívio, e sobretudo, de estratégia política de combate às opressões - nas quais muitas vezes coletivos, grupos ou movimentos se organizam com o objetivo de um novo projeto de sociedade, ou de mudanças estruturais nas instituições e afins.

Assim, ao falar de interseccionalidade sem considerar a luta histórica das mulheres negras, do feminismo negro, dos movimentos de luta antirracistas e das influências filosóficas africanas e latino-americanas, não se pode compreender os seus aspectos de transformação científica - em termos acadêmicos e da dimensão político-social - e de uma nova cosmopercepção (Oyěwùmí, 2018), em que os paradigmas ocidentais são questionados por epistemologias dos(as) marginalizados(as) pela colonização, afinal "é da mulher negra o coração do conceito da interseccionalidade" (Akotirene, 2020, p. 24).

Autoras como Angela Davis, bell hooks, Patricia Hill Collins e Audre Lorde são grandes nomes em referência a essas produções, pois representam a diversidade abrangente da categoria mulher, e da própria categoria de mulher negra, principalmente por discutirem sobre sexualidade, classe e idade nos Estados Unidos. Tal exercício também foi e é feito primorosamente por representantes das "epistemologias do sul", provenientes da América

Latina, e destacadamente do Brasil como as autoras Lélia Gonzalez, Beatriz Nascimento, Sueli Carneiro e outras.

Interseccionalidade: sensibilidade analítica e os desvios analíticos

Esta parte do trabalho corresponde a uma explicação de dois pontos bastante importantes para o entendimento do conceito da interseccionalidade, alinhada à experiência motriz da escolha deste tema em meu percurso de graduação.

Durante o curso de Licenciatura em Ciências Sociais, o primeiro período destina-se a discutir o que é educação através da disciplina Método e Práxis Pedagógica 1, com espaço para cada graduando/a descrever suas experiências escolares. Depois, na matéria de Método e Práxis Pedagógica 2 visitamos uma escola e assistimos à aula. O Colégio Estadual Cecílio Mattos, localizado no município de Juazeiro, na Bahia, realizou esta parceria com a UNIVASF, a mesma escola em que em 2023 aconteceu o programa da Residência Pedagógica.

As discussões têm como foco a educação pública, e de que forma uma futura turma de professores/as pode intervir pedagogicamente com práticas de inovações educacionais. Diante das interações com outros/as colegas e as suas observações, percebo que as suas práticas de ensino estão politicamente atreladas aos desvios analíticos de que Akotirene fala, pois “a interseccionalidade é, antes de tudo, uma lente analítica sobre a interação estrutural em seus efeitos políticos e legais” (Akotirene, 2020, p. 63). Não basta defender apenas a luta política que lhe cabe como identidade, e assim fazer frente a uma categoria social e excluir outras.

A interseccionalidade faz com que haja os cruzamentos das opressões sociais como racismo, machismo, transfobia, xenofobia e etc., em percurso de romper com os costumes analíticos ocidentais de hierarquização, e assim promover uma sensibilidade analítica e interpretativa de como as categorias sociais se relacionam em uma sociedade de poder e de uma narrativa que ainda subalterniza os minorizados, e fazem as diversidades serem um ponto de problema e falsas resoluções com propostas universalizantes. Logo, ao refletir sobre a educação pública e pensar que essa visão está presente em militantes políticos que estão em formação de

docência e que mais tarde na condução das reflexões sobre as desigualdades da sociedade brasileira, faz com que cada vez mais o meu percurso pedagógico volte-se para a diversidade em nome de uma expansão na instituição que visa à democracia, e valorização cultural através do olhar interseccional.

> Do meu ponto de vista é imperativo aos ativismos, incluindo o teórico conceber a existência duma matriz colonial moderna cujas relações de poder são imbricadas em múltiplas estruturas dinâmicas, sendo todas merecedoras de atenção política (Akotirene, 2020, p. 19).

Então, pode-se iniciar este trabalho afirmando que os desvios analíticos são justamente essas faltas de atenção políticas, quer seja dos/as graduandos/as como de qualquer outro/a militante e movimentos sociais. Na contramão disto, está a sensibilidade analítica, que "[d]e acordo com Kimberlé Crenshaw, a interseccionalidade é, simultaneamente, a maneira sensível de pensar a identidade e sua relação com o poder, (...) devem pensar de modo articulado suas experiências identitárias" (Akotirene, 2020, p. 118). Assim, para a sensibilidade analítica interpreta-se como a atenção política às categorias e identidades sociais, de modo a não hierarquizar nenhuma opressão, mas compreender de que forma se dão estas sob a matriz da colonização passada e os seus aparatos modernos ainda presentes no cotidiano.

E esta sensibilidade analítica, que caracteriza a interseccionalidade, é, sobretudo, aquilo que a autora designa como sensibilidade interpretativa dos efeitos identitários, no qual a instrumentalidade conceitual das categorias direciona-se à matriz colonial moderna para evitar desvios analíticos para apenas um eixo de opressão (Akotirene, 2020, p. 20).

> A interseccionalidade impede o aforismo matemáticos hierarquizantes ou comparativos. Em vez de somar identidades, analisando-se quais condições estruturais atravessam corpos, quais posicionalidades reorientam significados subjetivos desses corpos, por serem experiências modeladas por e durante a interação das estruturas, repetidas vezes colonialistas, estabilizadas pela matriz de opressão, sob a forma de identidade. Por sua vez, a identidade não pode se abster de nenhuma das suas marcações, mesmo que nem todas, contextualmente, estejam explicitadas (Akotirene, 2020, p. 44).

No início do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) em 2018, os bolsistas foram coordenados a realizar a pesquisa chamada Chão da Escola no Colégio Modelo Luis Eduardo Magalhães. Notável pelos diversos programas de arte e iniciação científica que a escola possui, a primeira atividade aplicada foi uma contação do Itan de Exu em uma turma com diferentes opções religiosas, e esta atividade se deu após vivenciar a sala dos professores e ouvir sobre alguns episódios de racismo religioso, na época chamados de "dúvidas e piadas" às religiões "diferentes". Um importante passo para constituir posteriormente a interseccionalidade como a ferramenta escolhida para analisar a instituição escolar, e utilizar destas oportunidades para misturar arte com sociologia com estudantes que já integravam estas outras oficinas que a escola Modelo oferta.

Esta pesquisa trouxe informações que cruzavam gênero e seus dilemas de gravidez na adolescência, tanto quanto o número de desistência escolar voltados às distâncias percorridas por alunos/as periféricos e a sua maioria de pessoas autodeclaradas negras na escola, além do tema da sexualidade voltado aos jovens transexuais. Então, mais uma vez saliento que apenas falar de classe ou feminismo como alguns colegas do PIBID faziam não é tão confortável e interessante para a nova sala de aula que tem se acessado nos últimos anos.

A interseccionalidade como ferramenta pedagógica

Após explicados e definidos os pontos de sensibilidade analítica e de desvios analíticos, introduz-se nesta parte o processo de afirmação da interseccionalidade como a ferramenta pedagógica escolhida para auxiliar minha atuação nas demais etapas da licenciatura que oferta a graduação de Ciências Sociais.

Na disciplina de Metodologia e Prática de Ensino em Ciências Sociais III, surge uma dinâmica a ser feita intitulada de "Imaginação Sociológica[1]: uma dinâmica interseccional na

[1] Baseada na obra de Charles Wright Mills, a imaginação sociológica é uma prática criativa, dizendo respeito a percepção de como a vida está ligada a variados contextos sociais. A exemplo desta dinâmica, ao sortear palavras "despretensiosas" pode-se vincular diversas observações entre a vida "particular" e a "vida política".

sala de aula", em que a proposta era de um sorteio com diversas palavras de contexto sociopolítico, com o objetivo de uma discussão com uma turma de ensino médio, no qual os alunos e as alunas estão livres para dizer o que a palavra lhes traz de memória ou o que lhes desperta. As temáticas como sexo, classe, raça, gênero, educação, saúde e drogas surgem na sala e são discutidas entre elas e eles. A ementa desta disciplina dispõe:

> Especificidade do trabalho pedagógico no ensino de Sociologia. Planejamento de ensino e recursos didáticos. Pesquisa, docência e realidade sócio-educacional. Prática de ensino de questões sociológicas contemporâneas. Prática de ensino de questões antropológicas contemporâneas. Prática de ensino de questões contemporâneas da ciência política em espaços formais e não formais. Capacidade analítica em pesquisa e planejamento; Concepção de recursos didáticos; Autonomia intelectual e docente (Plano de Disciplina, MPECS III, 2021.1).

Após essa disciplina, inicia-se o Estágio I, no qual o relatório construído deu-se por um relato de experiência em como a internet e as mídias sociais influenciam as informações para as discussões sociológicas na sala por parte dos/as alunos/as e como isso se relaciona na prática com a percepção interseccional, ou seja, o ciberativismo. No Estágio II, é solicitado um projeto de intervenção em que uma entrevista é aplicada e observa-se que há um dilema de informações entre a professora da escola responsável pela aula de sociologia e a turma, em uma tentativa de mediação por minha parte enquanto estagiária, devido à quantidade de horas de consumo nas redes. A professora tem um consumo de 20 minutos de uso de mídias sociais, enquanto os/as discentes têm no mínimo de 08 a 10 horas em diversos aplicativos e mídias.

No Estágio III, cujo objetivo é a regência, o conceito da interseccionalidade se demonstra como uma postura ética-pedagógica para a necessidade de aplicar a interseccionalidade como uma ferramenta de princípio metodológico de interpretação da sala de aula e planejamento dos conteúdos, tendo isto continuidade na Residência Pedagógica.

A partir das orientações da docente do estágio, e durante o programa de Residência Pedagógica pelo docente responsável, algumas dinâmicas foram desenvolvidas, como a) "ditado de sociologia" em que se lê as perguntas e a turma responde de forma simples em uma

folha para ser entregue; b) contações de história de cunho de tradição oral e popular, a exemplo de histórias africanas com os Itans; c) aula com samba de roda da capoeira utilizando as mesas como percussão; d) aula com pandeiro em que as cantigas da capoeira tornam-se um exercício de interpretação para a temática da aula; e) pinturas na semana do Dia da Consciência Negra para discussões posteriores como forma de dar sentido àquilo que eles/elas constroem e não tornarem-se materiais apáticos que se destinam para o lixo, e f) feitura de poemas direcionados a alunos/as que já praticavam rimas e são mestres de cerimônia (MCs), e outras práticas possíveis.

Na pesquisa dos conteúdos para planejamento das aulas, a interseccionalidade é uma metodologia crítica para reformular as possibilidades de dar aula e repensar o próprio conceito do que é ensinar. É, pois, uma ferramenta metodológica que propõe uma revisão epistemológica no ensino tanto quanto propõe a busca de outras e "novas" epistemologias para a instituição escolar e não menospreza a importância da educação como espaço para a formação de indivíduos em termos éticos, culturais, psicológicos e científicos. A interseccionalidade é uma ferramenta que lida com o ser humano em sua integralidade na sociedade, perspectiva diretamente diferente das especializações científicas ocidentais que estruturam as escolas brasileiras de modo a fortalecer a matriz colonizadora ainda dominante nas instituições educacionais: "denunciar o imperialismo da tradição intelectual e a sua obra epistemicida - que extermina saberes e tecnologias - (...) que tendem frequentemente a generalizar a partir de uma base eurocêntrica" (Lopes; Simas, 2021, p. 16).

> E, sim, a reflexão de que as práticas pedagógicas construídas são possíveis porque há uma filosofia, um projeto pedagógico que prima pela decolonialidade e pelo antirracismo e os faz dialogar com as orientações normativas e curriculares exigidas para toda e qualquer escola brasileira. Algo que muitas/os profissionais julgam impossível. Mas não é. Trata-se de uma escolha política e pedagógica. De ter certeza do caminho que se deseja seguir para ajudar a construir uma sociedade mais democrática, mais equânime, mais justa e menos violenta. O livro nos mostra quão coloniais, ocidentais, repletas de dicotomias, binarismo são as nossas práticas escolares e curriculares. Não basta só analisar, produzir artigos e livros que denunciem essa realidade. Já temos muitas produções assim e não nego a sua importância. Mas estamos no

> século XXI e há uma luta histórica do movimento negro e das educadoras e dos educadores negros e não negros antirracistas que exige a criação de propostas educacionais que se contrapunha à escola eurocentrada e ao currículo colonial com os quais convivemos. (Pinheiro, 2023, p. 13)

A partir do livro "Opara - Formação Histórica e Social do Submédio São Francisco" de Esmeraldo Lopes Gonçalves, nascido em Curaçá na Bahia, bacharel em Ciências Políticas e Sociais, penso, regionalizando o debate: por que não estão os caboclos, vaqueiros, boiadeiros e sertanejos na grade curricular? Ou ainda, quando o Samba de Véio da Ilha do Massangano e do Rodeadouro receberão a devida valorização pelas políticas de cultura da região, fazendo assim, parte também da composição sócio-cultural das escolas na região? Pois, "(...) só o autoconhecimento e a auto afirmação de um povo possibilita uma transformação social sólida" (Gonçalves, 1997).

Ao fim da Residência Pedagógica, acompanhando o trabalho de Cristiane Crispim, a mesma professora, mestra e atriz que em suas falas, militâncias e trabalhos artísticos traz a afirmação do povo ribeirinho e indígena, levou para a escola Modelo uma apresentação do Samba de Véio da Ilha do Rodeadouro, e isso me apontou possíveis e futuros caminhos de fazer a valorização cultural dentro do ambiente escolar. Todavia, num exercício autocrítico, demarco que estas limitações também me afetaram durante o programa de Residência Pedagógica, principalmente em não ter tido tempo hábil para pesquisa e aplicação mais extensa da história dos povos ribeirinhos e indígenas do Sertão do São Francisco, de forma interseccional no planejamento e execução das aulas. Fica este desejo como continuidade no percurso da docência.

O Projeto Político Pedagógico que organiza as ações da escola é um passo necessário para construção dos sonhos de fazer a diferença na formação de crianças, jovens e adultos na educação. Além de objetivos institucionais e pedagógicos, o/a professor/a que não tem despertado em si mesmo/a o porquê de estar na escola e com qual sentido sua responsabilidade se encaminha no dia a dia, tem dificuldade de ser um/uma formador/a que sonha e se inspira em suas aulas para ser mais criativo, e se ver como alguém que pode continuar a aprender e se

atualizar. Nesse sentido, após as experiências com PIBID, Residência Pedagógica e os estágios, a pergunta de "qual o motivo de utilizar a interseccionalidade como uma metodologia para a sala de aula?" se aprofunda com as descrições reflexivas do livro da autora negra Bárbara Carine e transforma-se para pensar “qual é o sonho por trás do uso da interseccionalidade como ferramenta metodológica de ensino na escola?”. Essa resposta encontra as palavras da mesma: "A professora, o professor, é um portal que une as memórias e os conhecimentos do mundo antigo à construção do mundo que está por vir" (Pinheiro, 2023, p. 150).

Considerações finais

A interseccionalidade como “sofisticada fonte de água metodológica” (Akotirene, 2020, p. 114) corresponde às necessidades de melhorar as práticas pedagógicas. Um sentido de continuar a transformar a realidade por reflexo de educadores/as que em sua trajetória enfrentam e despertam a educação como uma construção de outros mundos, ou seja, de uma pluralidade. Filosoficamente, a interseccionalidade pode servir como uma contraproposta educacional ao que a colonização europeia há muito tempo impõe e normaliza, sem fazer o professorado perguntar-se do porquê de haver um ensino nas instituições escolares de modo não-democrático.

O discurso de respeito à diversidade cultural no Brasil se insere na escola a partir de uma visão de combate às desigualdades sociais, porém, assim como a autora Angela Davis fala que em uma sociedade racista não basta apenas não ser racista, tem de ser antirracista (Rivera, 2022), não basta apenas falar de diversidade e respeito quando isso não é apresentado no cotidiano escolar, dando ao final, um caráter antidemocrático à escola. Criar consciência disso em aspectos educacionais é compreender a educação e a instituição escolar como um espaço de poder e de representação de uma multiplicidade existente no país.

Utilizar desta teoria como uma ferramenta metodológica na docência é para um contínuo reconhecimento da função do/a professor/a como um/a ser sensível que se põe diariamente a aprender. Que não nega sua dimensão política no planejamento de aulas e nem da sua

capacidade de ser criativo/a e trazer para a sala de aula dinâmicas, textos, artes, filmes e o que mais desejar em nome do direito de experimentar o diferente e tentar sair da curva do obrigatório e do comum. Pois, como negar a existência de uma diversidade que cada vez mais ocupa e grita na sociedade através de suas relações da internet e uso das mais variadas tecnologias?

A experiência dos estágios, por muitas vezes na sala dos professores, localizou nos docentes a dificuldade em lidar com essa nova característica das juventudes em falar sobre sexualidade, transexualidade, raça, racismo, gênero e outros, com informações circulando cada vez mais rápido através das redes sociais. Então, a aula de sociologia não pode fugir disso e nem negligenciar a pesquisa e discussão dessa questão. A interseccionalidade é para estabelecer uma “sensibilidade analítica”, como citado ao longo do texto, que funciona para analisar o espaço no que toca às categorias e identidades sociais, diante das formulações de poder existentes entre os processos de relacionamentos entre as pessoas, e entre esse objetivo e a luta de tornar o Brasil um país cada vez mais inclusivo e menos violento.

Para isso, torna-se necessário um posicionamento de não romantizar o colorismo, a mestiçagem, o estupro da colonização, e os epistemicídios que são não só científicos, mas também culturais e simbólicos. Ainda assim, insistir na valorização dos povos todos como marginalizados, que são entre eles negros/as, caboclos/as, sertanejos/as, indígenas, periféricos/as, mulheres, transexuais, travestis, lésbicas, gays etc., fomentando-se o conhecimento em estado de democracia: a celebração da diversidade, o que a interseccionalidade como metodologia para o ensino da sociologia propõe.

A educação, quando encarada como uma instituição, marcada historicamente pelo racismo que excluiu e ainda exclui de formas "modernas" tudo o que não é branco ou tudo o que é considerado "fora do comum", interfere na condição mental e criativa de imaginar outra forma de viver e de existência, e é isso que a sociologia pode contribuir para fazer e experimentar na escola: outros saberes, outras possibilidades, outras cosmopercepções de vida.

Referências

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade.** São Paulo: Sueli Carneiro: Jandaíra, 2020.

CRENSHAW, Kimberlé. Demarginalizing the intersection of race and sex: a black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics. **University of Chicago Legal Forum**, Chicago, v. 1989, n. 1, p. 139-167, 1989.

GONÇALVES, Esmeraldo Lopes. **Opara: formação histórica e social do Submédio São Francisco. Juazeiro: [s. n.]**, 1997.

LOPES, Nei; SIMAS, Luiz Antonio. **Filosofias africanas**: uma introdução. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. Visualizando o corpo: teorias ocidentais e sujeitos africanos. Tradução de Leonardo de Freitas Neto. **Novos Olhares Sociais**, Cachoeira, v. 1, n. 2, p. 294-317, 2018.

PINHEIRO, Bárbara Carine Soares. **Como ser um educador antirracista.** São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.

RIVERA, Raíssa. **Angela Davis:** frases marcantes da intelectual e ativista. *Marie Claire*, [s. l.], 15 set. 2022. Disponível em: https://revistamarieclaire.globo.com/Feminismo/noticia/2022/09/angela-davis-frases-marcantes-da-intelectual-e-ativista.html. Acesso em: 19 maio 2024.

Apêndice A – Síntese das vivências formativas

O quadro a seguir é fruto das minhas observações e vivências docentes, registradas no meu diário de campo, nas disciplinas de Estágio supervisionado e Metodologia e Prática de Ensino em Ciências Sociais; e nos Programas de Iniciação à Docência (PIBID) e Residência Pedagógica, financiados pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Nesses registros estão articuladas as minhas percepções e as ferramentas analíticas para a prática docente.

Quadro 1 – Vivências formativas e análise conceitual

Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID)

Escola	Colégio Modelo Luis Eduardo Magalhães, Juazeiro – BA, 2018
Objetivo/Ementa	• Inserir os licenciandos no cotidiano de escolas da rede pública de educação, proporcionando-lhes oportunidades de criação e participação em experiências metodológicas, tecnológicas e práticas docentes de caráter inovador e interdisciplinar que busquem a superação de problemas identificados no processo de ensino-aprendizagem.
Observação (Caderno de campo)	• Uma "nova sala de aula", pois os debates acerca da sexualidade estão diferentes de quando eu estive na escola como estudante. Mas os velhos dilemas de racismo e machismo ainda fortemente presentes. • Postura dos/as colegas do PIBID e da turma em escolhas políticas-pedagógicas.
Ação Realizada	• Pesquisa Chão da escola (levantamento de dados da escola); • Contação de história em prol de discutir a pluralidade religiosa em combate ao racismo religioso.
Análise Conceitual	• Desvios analíticos; sensibilidade analítica.
Metodologias e Práticas de Ensino em Ciências Sociais III	
Escola	Colégio Estadual Cecílio Mattos, Juazeiro – BA, 2021
Objetivo/Ementa	• Especificidade do trabalho pedagógico no ensino de Sociologia. • Planejamento de ensino e recursos didáticos. • Pesquisa, docência e realidade socioeducacional. • Prática de ensino de questões sociológicas contemporâneas
Observação (Caderno de campo)	• Como usar a criatividade para fazer uma aula mais interativa? Pois assim há possibilidade de uma aula mais dialogada e participativa.
Ação Realizada	• Fazer um plano de aula e executar em uma escola; • Dinâmica realizada: "**Imaginação Sociológica**: uma dinâmica interseccional na sala de aula
Análise Conceitual	• Interseccionalidade como uma ferramenta didática na dinâmica realizada
Estágio Supervisionado I	
Escola	Escola Professor Simão Amorim Durando, Petrolina – PE, 2022
Objetivo/Ementa	• Compreender o significado de estágio supervisionado e ação etnográfica para construção de aprendizagem; discutir os diversos elementos que compõe o ambiente de estágio e as questões culturais que estão presente no cotidiano do fazer docente.
Observação (Caderno de campo)	• A escola Simão, há 10 anos foi a minha escola. Antes disso, estive nela como comunidade, participando das atividades. Ela é uma escola super cultural, mas fisicamente o seu espaço não mudou quase nada. A quadra ainda é no sol, mas agora tem uma rampa para cadeira de rodas e acessibilidade. Ainda

	é cheia de grades, as salas superlotadas, lanche na sala por não ter uma cantina, ainda proibindo celular e a diretoria em controle disso. Sua superlotação é devido a abranger quantitativamente toda a área da zona oeste de Petrolina. Mas a aposta cultural ainda é o marco da escola, e a união do corpo docente com a comunidade é sua característica principal.
Ação Realizada	• Relato de experiência com as observações etnográficas do campo escolar. Nela apresenta-se como a tecnologia através do celular traz muitas informações para a sala, podendo as mesmas serem objetos de discussões sociológicas.
Análise Conceitual	• Interseccionalidade e ciberativismo.
Estágio Supervisionado II	
Escola	Escola Professor Simão Amorim Durando, Petrolina – PE, 2022
Objetivo/Ementa	• Elaborar Projeto de Intervenção, partindo das necessidades/ demandas institucionais discutidas coletivamente; • Realizar ações previstas no Projeto de Intervenção; • Participar dos momentos de planejamento realizados pela Instituição. • Registro e sistematização dos resultados com devolutiva para a Instituição.
Observação (Caderno de campo)	• Percebi que a internet como as mídias e redes sociais estão o tempo todo como fonte de informação para as discussões na sala de aula e isso gera um problema entre a professora responsável e a turma, pois a mesma consome bem menos informação
Ação Realizada	• Projeto de intervenção voltado a discutir as redes e trazer para sala algumas questões e acontecimentos e uma introdução sobre estudo da interseccionalidade (Akotirene, 2020)
Análise Conceitual	• Interseccionalidade para mediação de debates e análise da sala de aula.
Estágio Supervisionado III	
Escola	Escola Professor Simão Amorim Durando, Petrolina – PE, 2022
Objetivo/Ementa	• Elaborar Plano de Unidade da disciplina; • Elaborar Planos de aula; • Regência com supervisão do responsável; • Participar dos momentos de planejamento realizados pela Instituição
Observação (Caderno de campo)	• Ter de estudar cada vez mais sobre as temáticas de sexualidade e drogas trazidas cotidianamente pela turma.
Ação Realizada	• Planos de aula e preparações elaboradas pensando sempre o olhar interseccional.

Análise Conceitual	• Interseccionalidade como ferramenta pedagógica.
Residência Pedagógica	
Escola	Colégio Estadual Cecílio Mattos, Juazeiro – BA, 2023
Objetivo/Ementa	• Fortalecer e aprofundar a formação teórico-prática de estudantes de cursos de licenciatura; • Valorizar a experiência dos professores da educação básica na preparação dos licenciandos para a sua futura atuação profissional; • Induzir a pesquisa colaborativa e a produção acadêmica com base nas experiências vivenciadas em sala de aula
Observação (Caderno de campo)	• Como o debate de raça saiu do lugar binário entre branco e preto e partiu para a questão indígena e do e no sertão.
Ação Realizada	• Estudar mais sobre a história indígena da região e dividir algumas informações na sala.
Análise Conceitual	• Interseccionalidade como postura ética-pedagógica e interseccionalidade como categoria de território (sertão) também.

Fonte: diário de campo da primeira autora.